

Fisiologia e filosofia das emoções

Otávio Daros

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS
(otavio.daros@gmail.com)

Resumo: Este relato busca apresentar, de modo sintético e multidisciplinar, as percepções que cinco pesquisadores, de diferentes áreas de estudo, possuem de uma mesma palavra: a emoção. As ideias foram articuladas por meio de entrevistas realizadas com profissionais que atuam no campo da bioquímica (Daniel Pens Gelain, professor da UFRGS), neurologia (André Palmi, PUCRS), psiquiatria (Flávio Kapczinski, da UFRGS), filosofia (Francisco Rüdiger, PUCRS e UFRGS) e sociologia (Raquel Weiss, da UFRGS). O objetivo deste trabalho é mostrar os distanciamentos e as articulações possíveis entre um conjunto de ciências, partindo de um mesmo objeto, isto é, as emoções. Trata-se de uma tentativa de desenvolver um breve estudo multidisciplinar acerca das emoções; dar caráter científico para uma palavra bastante usada no cotidiano dos brasileiros e que nele recebe diversos significados e valores. A socióloga Raquel Weiss indica, no final do artigo, que a compaixão é o sentimento-chave para o desenvolvimento da sociedade atual.

Palavras-chave: Emoção; Fisiologia; Filosofia.

Emotions physiology and philosophy

Abstract: This paper seeks to present, in a synthetic and multidisciplinary way, the perceptions that five researches of different study areas have about the same word: the emotion. The ideas were articulated by interviews performed with professionals that act in the field of Biochemistry (Daniel Pens Gelain, professor at UFRGS), Neurology (André Palmi, PUCRS), Psychiatry (Flávio Kapczinski, UFRGS), Philosophy (Francisco Rüdiger, PUCRS and UFRGS), and Sociology (Raquel Weiss, UFRGS). The objective of this research is to show the distancing and the possible articulations between groups of sciences, starting of the same object, that is, emotions. It is an attempt to develop a brief multidisciplinary study about emotions; give scientific character for a widely used word in Brazilians' daily life and that receive a wide range of meanings and values. Sociologist Rachel Weiss appoints, in the end of the paper, that compassion is the key-feeling for the development of today's society.

Keywords: Emotion; Physiology; Philosophy.

Estádio Beira-Rio, 12 de fevereiro de 1989. Jogo decisivo entre Internacional e Grêmio para decidir o finalista do Brasileirão de 1988. Todos os olhos dos presentes acompanham o início do jogo, que passará à história como Gre-Nal do século. O tricolor abre o placar com Marcos Vinícius, aos 25 minutos. Aos 38 minutos, o Inter sofre um segundo golpe: o lateral Casemiro é expulso.

Pausa. Aos 16 minutos do segundo tempo, Edu Lima cobra falta para o Inter e Nílson marca. Um a um. Dez minutos depois, a virada: Maurício cruza e Nilson finaliza. No estádio, 78 mil corações disparam, 156 mil pupilas dilatam-

se e, se a pressão arterial de cada indivíduo presente fosse medida, o resultado seria uma impressionante variedade de batimentos, somada a um conjunto que iria do júbilo à depressão.

Mesmo tão comuns, emoções não se prestam à simples definição. Costumam ser uma reação interna ao ambiente externo. Por isso, tornam-se relacionadas a mecanismos culturais e ambientais. Além de fatores exteriores, há os particulares: emoções são sentidas de modo singular por cada indivíduo.

As emoções são reações do sistema nervoso central. Constituído pelo encéfalo e pela medula espinhal, o sistema é responsável por receber e processar informações. O professor de Bioquímica da UFRGS, Daniel Pens Gelain (2015), explica que as emoções são elaboradas a partir de estímulos decorrentes de vários fatores. Entre eles, estão os chamados estímulos ambientais, que são codificados pelas células do sistema sensorial (o grande receptor do corpo humano), e os estímulos endógenos (do interior do organismo), que resultam do processo de comunicação entre os órgãos, tecidos e células do próprio corpo.

“Estas respostas têm a função de auxiliar a adaptação do indivíduo em relação às constantes e dinâmicas mudanças no ambiente, no qual o indivíduo se encontra”, afirma o professor Gelain.

Depois de receber os estímulos e rapidamente percebê-los, o cérebro provoca determinada ação no corpo. Mesmo que algumas reações sejam similares, a intensidade irá variar entre cada uma, como ressalta o professor de Neurologia da PUCRS, André Palmimi (2015). Ele exemplifica: “A maior parte das pessoas sente uma sensação de tristeza ao ser rejeitada, ao perder o emprego ou um ente querido. Entretanto, as estruturas que orquestram o cérebro variam”. Ou seja, seres humanos são pessoas muito parecidas em contexto geral, mas, se tomados em suas características particulares, cada ser é único, segundo Palmimi.

Gelain explica, por sua vez, que, com exceção de gêmeos idênticos, cada ser humano possui um genoma único. Conforme o bioquímico, “é possível dizer que cada ser humano sente emoções que são resultados de processos diferentes, mas que ocorrem pelos mesmos mecanismos”.

O professor ilustra o raciocínio com o exemplo do comportamento de torcedores de futebol eufóricos em um estádio, como no Gre-Nal do século.

Quando o time faz um gol, eles provavelmente terão altos níveis das mesmas substâncias químicas – hormônios, neurotransmissores e elementos químicos – presentes na corrente sanguínea e no cérebro. Porém, o grau de euforia irá variar. Os motivos, de acordo com o professor de Bioquímica, são a capacidade individual de produção das substâncias, o número de receptores no cérebro para cada uma delas, e o número de neurônios constituindo redes de comunicação.

“A capacidade de processamento das redes é determinado por fatores genéticos e pelo que ocorreu durante o desenvolvimento cognitivo de cada pessoa”, sustenta o professor. Embora a intensidade das reações apresente variações entre os sujeitos, isso não se deve exclusivamente aos mecanismos neurais. “Cada estado do indivíduo possui muitos componentes subjetivos em razão da variação individual e cultural”, diz Gelain. Segundo Palmini, os mecanismos culturais são influenciadores do sistema emocional. “Na época dos homens das cavernas, provavelmente alguns eram menos corajosos do que outros, mas todos eram obrigados a caçar, pois a caça era parte da cultura de todos eles e, sem ela, eles não poderiam se alimentar para sobreviver”, observa o neurologista. Ele destaca que a preservação da vida está sempre acima de tudo. “É o que faz com que as civilizações sempre busquem a adaptação cultural”, afirma o neurologista.

O processo civilizatório está relacionado ao controle das emoções, segundo o professor de Comunicação (PUCRS) e Filosofia (UFRGS) Francisco Rüdiger (2015): “Quanto mais distante for o passado, menos controladas são as pessoas. Um dos traços através dos quais as reações emocionais se manifestam é da violência contra aquilo que está próximo”. Ele argumenta que uma pessoa tomada por emoções tende a reagir violentamente ao ambiente.

Com o passar do tempo, o indivíduo passa a controlar cada vez mais suas emoções. Isso acontece porque, de acordo com Rüdiger, “há o aprendizado de que toda vez que um sujeito reagir agressivamente em relação ao grupo, esse grupo irá agir racionalmente com violência contra esse sujeito”.

Nesse caso, em vez de reagir agressivamente, com gestos e atitudes, os indivíduos passam a recorrer a palavras e expressões simbólicas, conforme explana o professor. Mas, com o tempo, até a própria reação verbal, através da qual as emoções são liberadas, pode ser alvo de censura. “Não grite, não use

palavrões, ou seja, as emoções sofrem um novo impacto: elas precisam ser sublimadas”, ressalta Rüdiger. A partir desse momento, há a transformação das emoções em sentimentos que, segundo o filósofo, “são formas de emoção mitigadas, adaptadas e elaboradas em função das circunstâncias”.

Segundo Palmini, o sentimento de raiva, ligado à agressividade, é absolutamente natural e se organiza no cérebro animal há milhões de anos: “Espera-se que um tigre ou um homem sinta raiva como resposta emocional a uma frustração, e essa emoção é fundamental para que mudem o ambiente, corrigindo o contexto que levou à frustração”, explica. Entretanto, diferentemente do tigre, obviamente se espera que o homem tenha algum controle sobre essa raiva e evite um ‘crescendo’ de reações que possam resultar em consequências sérias.

“O homem deve interferir no ambiente de uma forma que o satisfaça, resolva a frustração e a sensação de raiva, ‘esvazie o peito’, mas que não seja tão intensa a ponto de ser destrutiva”, explica Palmini, admitindo que essa expectativa pode ser excessivamente otimista.

A alternância de estados emocionais, que envolvem a sensação de satisfação e frustração, é denominada, pela psiquiatria, como Transtorno Bipolar. O professor de Psiquiatria e Medicina Legal da UFRGS, Flávio Kapczinski (2015), explica: “Na fase eufórica, as emoções são positivas e incluem otimismo e alegria. Na fase depressiva, predominam as emoções negativas, como baixa autoestima e tristeza”. Cerca de 27 milhões de pessoas ao redor do mundo sofrem de transtornos de humor e emocionais, segundo dados do *National Institute of Mental Health*¹. Também é a sexta doença que mais causa incapacidade no planeta e pode reduzir até 9,2 anos a expectativa de vida do doente.

A professora de Sociologia da UFRGS, Raquel Weiss (2015), acredita que um dos grandes desafios da sociedade contemporânea seja justamente encontrar um equilíbrio entre as emoções, que permita um desenvolvimento saudável de todos: “Os sujeitos devem ser capazes de reconhecer suas emoções e ter um

¹ Disponível em: <<http://www.abp.org.br/portal/30-de-marco-dia-mundial-do-transtorno-bipolar/>>. Acesso em: 4 mar. 2017.

controle não repressivo sobre elas, viabilizando a vida coletiva e impedindo formas exacerbadas de egoísmo”.

Para Raquel, a compaixão é o sentimento gerador da emoção chave para o desenvolvimento da sociedade. Segundo a professora, a compaixão é um “sentimento de benevolência em relação ao outro, que pressupõe uma capacidade de empatia, isto é, de sentir não apenas seus próprios sentimentos, mas conseguir perceber o sentimento do outro”.

REFERÊNCIAS

- GELAIN, Daniel Pens. Entrevista concedida a Otávio Daros. Porto Alegre, setembro. 2015.
- PALMINI, André. Entrevista concedida a Otávio Daros. Porto Alegre, setembro. 2015.
- KAPCZINSKI, Flávio. Entrevista concedida a Otávio Daros. Porto Alegre, setembro. 2015.
- RÜDIGER, Francisco. Entrevista concedida a Otávio Daros. Porto Alegre, setembro. 2015.
- WEISS, Raquel. Entrevista concedida a Otávio Daros. Porto Alegre, setembro. 2015.